

DESAFIOS NO ENSINO DE LITERATURA

Discutir o ensino de literatura em seus diferentes gêneros, através das mais diversas práticas no Ensino Fundamental e Médio é uma tarefa bastante complexa. Desde a década de 1980 do século passado têm surgido obras que colocaram em xeque o modelo de Ensino de Literatura pautado meramente na apresentação de Estilos de época e voltada apenas para o Ensino Médio. Cada vez mais se compreende que a Literatura deve ser lida no contexto escolar antes, inclusive, de a criança ter acesso à leitura da palavra escrita. A centralidade na leitura das obras deve, portanto, permear o difícil caminho de formação de leitores. Nesse sentido, pensar o ensino de literatura se diferencia bastante do ensino de disciplinas como Língua Portuguesa, Biologia, Matemática e muitas outras. Por quê? Ora, a leitura literária oportuniza a imersão numa obra e a resposta a esta imersão – sua recepção, portanto – pode ser diversa de leitor para leitor, de época para época. Trabalhar a literatura para meramente cobrar, no caso da narrativa, seus elementos estruturais, ou no âmbito da poesia, seus aspectos formais – rima, ritmo, metrificação, uso de figuras etc. – parece-nos por demais limitador, uma vez que deixa de lado possíveis ressonâncias que a leitura possa ter propiciado ao leitor. Ensinar literatura, portanto, pede um trabalho de *mediação* que esteja atento às mais diversas formas de recepção. Mas também que seja capaz de instigar novas percepções e mesmo rever afirmativas muitas vezes apressadas. Para tanto, essa *mediação* pressupõe um professor atento e corajoso que tenha experiência com a leitura, que seja crítico e sensível diante dos desafios.

Este Dossiê da *Revista Leia Escola* tinha como horizonte acolher “artigos que investiguem e discutem tanto vivências pontuais, na educação básica e superior, quanto pesquisas voltadas para os novos livros didáticos, sobretudo do nível médio de ensino, bem como proposições que enfatizem o diálogo da literatura com outras artes e as mudanças de suporte.” Dentre os artigos selecionados, foram várias as perspectivas apresentadas, resultando num quadro amplo, que contempla vários gêneros literários e diferentes perspectivas metodológicas. Há textos voltados para o Ensino Médio, em sua maioria, Ensino Fundamental, EJA e Educação infantil. Destacamos ainda artigos que abordam a Literatura indígena e as questões tecnológicas, bem como a presença da

avaliação de livros didáticos. Este quadro amplo pode proporcionar a diferentes profissionais o apoio para suas reflexões e práticas, bem como a recusa de determinados caminhos.

No âmbito do Ensino Médio, o artigo DOS AMORES QUE NÃO OUSAM DIZER O NOME: PROPOSTA DE ROTEIRO DE AULA COM *AGRESTE (MALVA-ROSA)*, DE NEWTON MORENO, de Alexsandro Melquiades da Silva, Micaela Sá da Silveira e Luana de Araújo Bezerra, discute os limites como o *amor* é tratado na escola e propõe uma leitura da obra *AGRESTE (MALVA-ROSA)*, DE NEWTON MORENO. Para os autores, “as/os docentes podem promover a inclusão, nas escolas, de obras literárias não canonizadas e que apresentam temáticas, como: diversidade, gênero e sexualidade.” Destacam ainda que “que *Agreste* ainda não é amplamente discutido nos estudos que objetivam levar os textos dramáticos ao ambiente escolar.” Por fim, trazem uma proposta didática, para alunos do 2º. e 3º. ano do Ensino Médio que “reconhece e valoriza outras vivências marginalizadas ao propor obras, autoras e autores que trazem debates historicamente desautorizados no tecido literário brasileiro.” Na mesma perspectiva, ITINERÁRIOS INTERSECCIONAIS PARA O ENSINO DE LITERATURA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DECOLONIAIS E TRANSVIADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, de Juliany Almeida Calegário, Rayssa Assunção Araújo e Victor Santiago realizam uma “uma abordagem crítica ao ensino de literatura na educação básica, articulando os debates de gênero, sexualidade e raça sob uma perspectiva interseccional”. Defendem que “a prática pedagógica literária não pode se afastar das discussões que atravessam os corpos e as subjetividades dissidentes” e chamam a atenção para o fato de que “a escola, muitas vezes, reproduz discursos normativos que silenciam infâncias negras, transviadas e fora do padrão de performatividade hegemônico”. Propõem a leitura de obras como *Ovelha Colorida* (Portella, 2019), *Julián é uma Sereia* (Love, 2018) e *Amoras* (Emicida, 2018) que podem “abrir espaço para a expressão da diferença e experiências marginalizadas pelo *status quo*.”

Por sua vez, o artigo ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA COM O GÊNERO CONTO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE, de Adriana da Costa Barbosa e Sílvia Costa Lima Teixeira, apresenta o relato de uma experiência com o “Conto de Escola”, de Machado de Assis. O texto traz uma rápida análise do conto e relata o percurso de leitura que se inicia com a distribuição de “fotocópias do conto para cada aluno, devido à indisponibilidade de exemplares físicos suficientes na instituição.” Ainda para os autores, “Comparada a outros momentos de leitura literária realizados na turma, esta aula foi a que mais promoveu trocas significativas.” O contexto de aplicação, as dificuldades de leitura apresentados, sobretudo no momento da leitura silenciosa, revelam que cada situação demanda esforço diferenciado no trabalho com o texto literário.

Ainda no âmbito do trabalho com a narrativa no Ensino Médio, temos o artigo QUAIS CONCEPÇÕES E USOS DOS OBJETOS SEMIÓTICOS SECUNDÁRIOS NO ENSINO DE LITERATURA EM CURSOS DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL?, de Dayb Manuela Oliveira dos Santos. O texto traz resultados de uma pesquisa com professores(as) de um IF, o que já revela condições melhores de trabalho do profissional de ensino. Segundo os autores, “Uma das etapas para alcançar o objetivo geral foi a identificação de quais romances circulam nas aulas de LP, o que nos levou a identificação de três tipos de corpus de romances: um corpus explícito, um corpus implícito e um corpus virtual, segundo a categorização proposta por Louichon & Rouxel”, O eixo da pesquisa foi o uso de adaptações filmicas em diálogo com as obras literárias que os deram origem. O artigo fundamenta-se em

perspectiva teórica pouco presente em nossa tradição metodológica, o que deve ser considerado com enriquecedor. Uma das contribuições do texto é a abordagem comparativa entre obras literária e filmes, apresentadas pelos professores que foram sujeitos da pesquisa.

Voltados para o trabalho com a poesia nos Livros didáticos, temos dois artigos. O primeiro, REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DA POESIA PELO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO, de Thaisa Rochelle Martins e José Hélder Pinheiro Alves, volta-se para a análise de um livro didático que busca se adequar a algumas exigências da BNCC. Os autores destacam o fato de que a “proposta de divisão do conteúdo de literatura, não mais por meio de escolas literárias, mas a partir de temáticas, o que nos parece uma alternativa importante para aproximar as vivências dos alunos daquelas representadas nos poemas.” Destacam ainda o uso limitado de um folheto de cordel, com teor “estritamente pedagógico”. O quadro apresentado com os poemas trazidos pelo LD analisado confirma uma presença significativa de poemas, de diferentes épocas e autorias, constando, inclusive poemas de autoras indígenas. Por fim, concluem que “boa parte das questões propostas pelo livro objetiva estimular uma participação ativa do aluno, convocando seus posicionamentos e percepções acerca da leitura.”

O segundo artigo que discute a presença da poesia em um livro didático é ENSINO DE LITERATURA E A RESSIGNIFICAÇÃO DA SALA DE AULA PELA LEITURA SUBJETIVA, de Luís Cláudio Dallier Saldanha e Milca da Silva Tscherne. O artigo comenta dois poemas, um de Cecília Meireles e outro de Carlos Drummond de Andrade e propõe uma abordagem que põe em destaque a participação efetiva dos leitores. O percurso sugerido pode ser experimentado noutros contextos, por certo com o devido cuidado relativo às especificidades de cada turma. Para os autores, “a leitura subjetiva, ao valorizar as experiências e o repertório dos alunos, pode promover alternativas menos tradicionais no ensino de literatura e um diálogo mais significativo com os textos.” Há em toda a proposta uma preocupação tanto com a atenção para aspectos da estética dos poemas quanto para a recepção dos leitores.

Ainda trabalhando o viés da poesia, o artigo O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: O ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO EM UM LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO, de Karla Luena Correia Martins e Gustavo Henrique Viana Lopes, analisa a abordagem de poemas em livros didáticos, mais especificamente poemas de temática amorosa. Segundo os autores, o estudo “busca verificar se a proposta atende às orientações oficiais para o ensino, contribuindo para o letramento literário dos alunos.” Questionamentos são levantados a respeito dos procedimentos adotados, no entanto, afirma-se que os “resultados indicam tanto convergências quanto divergências entre a atividade e as orientações oficiais, sendo as divergências mais prevalentes na proposta analisada.”

Destacamos a importância do trabalho com a literatura na EJA, conforme traz o artigo A LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O TRABALHO COM MICROCONTOS, de Lucas Henrique Omena, Dafhine Alves Silva Santos e Isabel Muniz Lima, o trabalho resultou de uma “experiência de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa” realizada “em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA)”. O percurso metodológico valoriza bastante atividades em grupo, o diálogo dos leitores com o texto e a mediação do professor. Os autores destacam a aprendizagem decorrente do estágio, ao afirmarem que o “processo de estágio supervisionado foi [...] curto para viver a experiência plena de assumir integralmente uma turma numa escola, mas foi [...] um momento imprescindível para a

nossa formação docente e que, certamente, irá colaborar para o posterior exercício da profissão.”

Apresentamos, a seguir, artigos que defendem determinadas abordagens temáticas que podem ser trabalhadas no contexto escolar. Em O QUE PODE A LITERATURA: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA DE CLÁSSICOS NA ESCOLA PARA A FORMAÇÃO DA PESSOA SOB A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES, de Vitória Scherer Schmidt e Rosiene Almeida Souza Haetinger que partem da “premissa” da “relevância da leitura literária dos clássicos na escola, porque esta se constitui como um “espaço privilegiado” de acesso à “cultura literária”. Os dados discutidos advêm de entrevistas com 7 professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio. A voz dos professores revela a importância que atribuem a obras clássicas, mas também os limites práticos e metodológicos do trabalho. Como possíveis resultados, destacam: “Todos compartilham da ideia de que os clássicos tornam o ser humano mais crítico, criativo, comunicativo e mais sensível, conseguindo se colocar no mundo e olhar para o outro: “é isso que [a leitura] te torna mais inteligente, que te torna uma pessoa que consegue argumentar, que te coloca no mundo para ter oportunidades melhores” (*professor 7*).” A defesa e a apresentação de uma vivência com narrativas clássicas também está presente no artigo LITERATURA NA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR: O CLÁSSICO E O CONTEMPORÂNEO NA SALA DE AULA, de Adriana Jesuino Francisco e de Renata Junqueira de Souza que reflete sobre uma experiência transdisciplinar entre as obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *Ciumento de Carteirainha*, de Moacyr Scliar. Para as autoras, “o compartilhamento do texto literário, quando articulado à realidade do leitor, pode promover a transdisciplinaridade ao estimular a reflexão crítica, a conexão com as experiências e vivências e a construção de conhecimentos que ultrapassem os limites da própria literatura.” Ao final, apresentam várias sugestões de possíveis abordagens transdisciplinares, com obras de diferentes épocas, com indicações de diálogos com a psicologia, antropologia, biologia e sociologia. Por fim, “a pesquisa realizada demonstra que o contexto social dos alunos, a estrutura material, disponível tanto na escola quanto em casa, e os direcionamentos pedagógicos influenciam diretamente sua constituição enquanto leitores (ou não leitores).”

O trabalho com a leitura literária aliada à presença de novas tecnologias é abordado no artigo LEITURA LITERÁRIA E TECNOLOGIA: INTERSEÇÕES ENTRE LETRAMENTO LITERÁRIO E LETRAMENTO DIGITAL PARA A LITERATURA ELETRÔNICA, de José Etham de Lucena Barbosa Filho e de Marinês Andrea Kunz. O artigo contextualiza a presença da literatura eletrônica, quando afirmam que “A popularização das tecnologias computadorizadas no final do século passado inaugurou uma era de novos paradigmas de leitura e escrita na contemporaneidade. Esse fenômeno, [...]teve início ainda em meados do século XX, com a invenção dos computadores digitais e a consolidação da cibernética e de tecnologias da informação como áreas do conhecimento científico.” O objetivo do texto “é compreender o ensino de literatura e o desafio que a tecnologia junto ao literário traz para a formação de leitores.” O artigo aborda alguns textos digitais que pode servir de paradigma para profissionais pouco afinados com esse modelo de texto bem como uma rica fundamentação teórica. Afirmam, por fim, que “uma compreensão mais ampla dos objetos técnicos pode enriquecer o ensino da literatura, promovendo uma abordagem mais integrada entre cultura e tecnologia.” Problematicando a leitura literária no país, temos o artigo ALGUNS DESAFIOS DA LEITURA LITERÁRIA NO BRASIL, de Antonio Artequilino Silva Neto, Paulo Jaime Lampreia Costa e Ângela Maria Franco M. Coelho de Paiva Balça, “parte do pressuposto de que a literatura é um bem cultural

sumamente indispensável para a formação de pessoas críticas e participativas, razão pela qual defende a instituição de um modelo educacional capaz de priorizar a democratização do acesso ao livro literário e o fortalecimento das práticas de estímulo à leitura.” Discutem dados da 6ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil destaca [...] as mudanças nas práticas da leitura literária dos brasileiros e aponta a preocupante perda de quase sete milhões de leitores nos últimos quatro anos.” Por fim, chama a atenção para a “tarefa de ampliar os índices de leitura e de fortalecer a cultura literária deve ser política pública essencial e perene no Brasil.”

No âmbito da educação infantil, o artigo SABERES E PRÁTICAS DOCENTES: DESAFIOS À FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS INFANTIS, de Melina Borges Omitto e Gabriela Rodella de Oliveira, discute “os desafios à formação de leitores literários infantis na escola”. Trabalha-se a noção de “saberes literários” cunhado por Paulino a partir do pensamento de Tardif. É significativo o depoimento dos professores, relativo às dificuldades que enfrentam no dia a dia para trabalhar a leitura literária e a sua própria formação. Para as autoras, “se a formação inicial não preparou adequadamente” os professores e professoras “para formar leitores literários,” uma vez os cursos de Pedagogia em sua maioria “não tem disciplinas que tratem do assunto” e também não há “formação em nível continuado capaz de preencher tais lacunas”, torna a situação bastante complexa. Defendem, por fim, que para enfrentar tantos desafios é necessário “além de investimentos em formação e em políticas de acesso e acervo,” é imprescindível “ser uma leitora e ter familiaridade com os livros, diversificar as práticas, o *corpus*, os modos de ler e de falar sobre os livros podem ser aliados na complexa tarefa de formar leitores.” Já DESAFIOS NO USO DA LEITURA LITERÁRIA PARA ABORDAGEM DO LUTO INFANTIL: PROPOSTA DE REALIZAÇÃO DE SEQUÊNCIA BÁSICA, de Caroline Martins Chaves e de Keila Andrade Haiashida traz uma discussão temática relativa voltada para a abordagem do luto infantil, acompanhada de ampla fundamentação teórica. O artigo, além de uma proposta didática, apresenta também diversas obras que abordam a temática, o que pode sugerir outras abordagens, destacando a relevância e a necessidade de sua presença na escola. Para as autoras, a leitura literária “a partilha de sentimentos entre o leitor e os personagens e socializações mediadas no espaço da sala de aula”.

Os artigos que finalizam o Dossiê trazem duas vertentes da literatura que começam a ganhar espaço na pesquisa e são de suma importância para a formação de leitores. Primeiro, LITERATURA INDÍGENA E A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PEDAGOGOS, de Manoilly Dantas de Oliveira, tem como objetivo compreender os saberes que os docentes julgam relevantes para a mediação da literatura indígena na sala de aula.” O artigo resultou de um curso de extensão denominado *Literatura infantil com temática indígena na sala de aula*, do qual participaram cerca de 50 professores de diferentes municípios potiguaras. O texto é bastante atualizado quanto a indicação de obras literárias de autores e autoras indígenas e reflexões teórico-metodológicas. A partir da análise dos dados, as autoras ressaltam “a problemática na formação desses profissionais para mediação do texto literário, em duas vertentes: a primeira sobre o desconhecimento dos aspectos elementares para o ensino da literatura e a formação de leitores e a segunda, em relação ao desconhecimento da literatura indígena, mais especificamente.” Esta constatação pode ser ampliada para todo o país e expõe a necessidade de investimento em estudo nessa área da literatura brasileira contemporânea. Por fim, PRÁTICAS INTERMEDIÁTICAS NA LITERATURA SURDA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DOS ELEMENTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS DE UMA *VIDEOPERFORMANCE*, de Carlos Antonio Jacinto, analisa elementos verbais e não verbais de uma *videoperformance*” e apresenta uma discussão

relevante para a área de Literatura Surda. Trata-se de uma investigação que explora o uso de imagens e o papel das relações intersemióticas na produção literária surda, para além da função estética. Para os autores, “o uso criativo da Libras e a construção de referentes visuais – por meio da articulação entre linguagem verbal e não verbal –, quando ancorados em ferramentas digitais, intensificam a visualidade da obra e contribuem significativamente para a construção de sentidos e para a experiência literária sinalizada.”

Esta diversidade de artigos aponta questões importantes que demandam cada vez mais pesquisa e reflexão. Por um lado, é da maior importância que tantos profissionais de ensino estejam buscando caminhos para formação de leitores a partir de experimentos e mesmo de sua prática cotidiana. Por outro lado, parece-nos que uma certa saturação de modelos, como a repetição de *sequências didáticas*, que, embora defendam o diálogo texto versus leitor, herança da Estética da Recepção, cristalizam-se modelos, quase receitas, que, aplicadas do mesmo modo, podem não se abrir para o imprevisto, para o debate que vá além de uma leitura esperada, às vezes pré-determinada pelo modelo seguido. Também observamos um desconhecimento de várias vertentes metodológicas de abordagem do texto literário, como as reflexões sobre *formação de leitores* propostas por Aguiar e Bordini ainda na década de 1980 do século passado. O conceito de *letramento literário* é, de longe, o mais retomado pelos pesquisadores, muitas vezes sem se dar conta de que muito do que se denomina como tal, são práticas leitoras já consagradas.

Este dossiê nos deixa esperançosos quanto ao ensino de literatura. Estes artigos são como faróis por meio dos quais vemos outros caminhos, novos experimentos, outros roteiros, diferentes abordagens. Isto significa que está havendo um movimento de cunho reflexivo importante, no âmbito da docência, sobre o ensino de literatura em seus diferentes contextos. A leitura literária nos proporciona saberes variados, nos convida à convivência, ao diálogo e à interação. Convidamos o(a) querido(a) leitor(a) para percorrer as páginas da *Revista Leia Escola* e que encontrem nestes artigos possibilidades para novas práticas sobre o ensino de literatura.

Danglei de Castro Pereira
Universidade de Brasília

José Hélder Pinheiro Alves
Universidade Federal de Campina Grande

Maria do Socorro Pinheiro
Universidade Estadual do Ceará

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18180668>

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ROUXEL, A.. Aspectos metodológicos do Ensino de Literatura. In: DALVI, M. A. REZENDE, N. L. de, JOVER-FALEIROS, R. (org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In. EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana, MACHADO, Maria Zélia (org.). *A escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 172.